

## DIÁRIOS DE CLASSE: FONTE DE PESQUISA HISTÓRICA NO ENSINO DE MATEMÁTICA

Shirley Patrícia Nogueira de Castro e Almeida.  
Professora do Departamento de Métodos e Técnicas Educacionais  
Universidade Estadual de Montes Claros.  
E-mail: [shirley.castroalmeida@yahoo.com.br](mailto:shirley.castroalmeida@yahoo.com.br)

Este trabalho trata de aspectos das práticas pedagógicas dos professores que atuaram no curso de Matemática da Fundação Norte Mineira de Ensino Superior (FUNM), no período de 1960 a 1990, manifestados em seus registros nos diários de classe. As prescrições, a partir dos documentos oficiais, trouxeram as concepções e as exigências para o ensino da Matemática em que se esperava um trabalho voltado para a formação de sujeitos que dominassem o conteúdo de Matemática. Os diários de classe se constituem em importantes instrumentos para registrar o fazer pedagógico do professor em sala de aula, ainda que se deva considerar as limitações advindas da natureza dessa fonte.

Os registros feitos nos documentos que analisamos nos remetem à visualização do currículo no sentido empregado por Silva (2014, p. 16) ao discorrer sobre as “teorias tradicionais” que o envolvem e que se pretendem “neutras, científicas, desinteressadas”. Nessas teorias, os conhecimentos e os saberes dominantes concentram-se em questões técnicas. O foco das teorias tradicionais do currículo é a organização do conhecimento inquestionável. Nelas estão imbricadas relações de poder, conduzindo os sujeitos a verem a educação numa determinada perspectiva (SILVA, 2014).

### Objetivo

O objetivo do estudo consiste em compreender as intrincadas relações entre as propostas oficiais do ensino de Matemática com o que foi possível realizar na práxis pedagógica dos professores tendo como referência as décadas de 1960 a 1990.

### Metodologia

Para a análise documental, lançamos mão da “análise da configuração textual”, proposta por Mortatti (2000), por meio da descrição, interpretação, comparação e cruzamentos das fontes. A análise, ainda, pautou-se pelo enfoque que Chartier (1990) deu para a história cultural e pela noção de cultura escolar desenvolvida por Julia (2001) e nos revelou a existência de uma distância entre o prescrito e o realizado para o ensino de Matemática.

### Referências teóricas

Em nosso trabalho, consideramos a importância de analisar elementos da cultura acadêmica do curso investigado a fim de compreender o que se ensinava de Matemática e como se ensinava a Matemática, como os acadêmicos aprendiam e como se tornaram professores de Matemática, além de conhecer as tendências teóricas e pedagógicas subjacentes à prática dos professores.

Faria Filho et al. (2004, p. 148) esclarecem que

enquanto Dominique Julia concebia a existência de duas culturas escolares (primária e secundária), Viñao Frago estendia o conceito a todas e a cada uma das instituições escolares. Isso permitia atribuir a cada escola, colégio e universidade uma singularidade, o que concorria para ampliar as possibilidades de estudos no

campo da história das instituições.

Concordando com essa posição, em nossa percepção cada instituição superior tem uma cultura acadêmica singular, dadas as questões contextuais de caráter socioeconômico, o perfil dos professores e estudantes que nela atuam, os interesses particulares dos grupos que a coordenam. Dedicamo-nos, neste trabalho, ao exercício de análise de diários de classe do curso de Matemática da FUNM, no período de 1960 a 1990.

Podemos estabelecer uma relação entre os registros dos diários de classe e o contexto histórico em que foram desenvolvidos. No Brasil pós-1964, o Sistema Nacional de Ensino é reorganizado tendo em vista a racionalização dos aspectos administrativo e pedagógico. A questão central do ensino passa a ser o planejamento cuidadoso de todas as tarefas a serem executadas. Desse modo, o planejamento é executado numa perspectiva exclusivamente técnica e ocupa lugar de destaque nos manuais e programas de ensino. “A racionalização do processo aparece como necessidade básica para o alcance dos objetivos do ensino” (MARTINS, 1998, p. 148).

### Resultados

A análise de treze diários de classe das disciplinas: Álgebra (1ª série/1968); Fundamentos da Matemática (1ª série/1968); Desenho Geométrico (1ª série/1968); Geometria Analítica (1ª série/1975); Cálculo Diferencial e Integral (2ª série/1980); Psicologia (4ª série/1980); Prática de Ensino (1980); Prática de Ensino (4ª série/1980); Cálculo Numérico (4ª série/1980); Matemática I (2º período – Dependência/1990); Estatística I (2º período/1990); Prática de Ensino/Estágio Supervisionado (5º período/1990); Cálculo Diferencial e Integral (5º período/1990) dos anos de 1960, 1970, 1980 e 1990 foi importante para identificarmos o conteúdo ou matéria lecionados (currículo) e, em certa medida, como os professores desenvolviam suas práticas pedagógicas com o objetivo de formar bons professores de Matemática na perspectiva das Teorias Tradicionais do Currículo.

Nos registros do diário de 1968 da disciplina Fundamentos da Matemática há indícios de que o professor apresentava os conceitos relacionados à disciplina e, posteriormente, a cada duas ou três aulas propunha problemas e/ou exercícios de verificação do conteúdo estudado. Já no diário de 1980 da disciplina Cálculo Diferencial e Integral, nas seis aulas visibilizadas, há registro, nos dias 14 e 21 de junho, da abordagem de “Integrais diretas”, enquanto no dia 28 do mesmo mês está anotada a realização de aulas de exercícios. Essas anotações nos levam a crer em práticas de ensino tradicionais no sentido de se basearem no binômio transmissão do conteúdo-prática de exercícios.

Na acepção de Anastasiou (2004), no método tradicional, os passos seguidos visam ao registro do símbolo, via memorização, enfatizando a aula expositiva e os exercícios de repetição, ou questionários pontualmente corrigidos e decorados – aspectos enunciados nos diários de classe analisados.

O aspecto da ênfase posta na realização de muitos exercícios e, por vezes, a concordância com a eficiência dessa prática para a aprendizagem estiveram muito presentes nas narrativas de nossos colaboradores. “*Nós fazíamos muitos exercícios, utilizávamos a técnica de fazer as contas sem muita teoria*” (Professor Sebastião Alves de Souza).

Depois de formados e na condição de professores do curso, nossos colaboradores mantiveram, em seus fazeres docentes, a prática de propor aos alunos muitos exercícios, exatamente como haviam feito seus professores. Esses docentes, no entanto, sublinharam sua preocupação, cada um à sua maneira, em aproximar os estudantes dos conceitos matemáticos.

Tais posturas mostram que, no jogo das interveniências mútuas, tanto alunos quanto professores são elementos essenciais na constituição das disciplinas acadêmicas, pois mobilizam saberes e produzem experiências modificadoras dos processos de aprender e ensinar.

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. Ensinar, aprender, apreender e processos de ensinagem. In: ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 3ª reimp. – Joinville, SC: UNIVILLE, 2004. p. 12-38.

CHARTIER, Roger (1990). História Cultural: **entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Berthand do Brasil, 2003.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como Objeto Histórico. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas: Ed. Autores Associados, n. 1, p. 9-44, jan.-jun. 2001.

MARTINS, Pura Lúcia Oliver. *A Didática e as contradições da prática*. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

MORTATTI, Maria R.L. Os sentidos da alfabetização (São Paulo: 1876-1994). São Paulo: Ed. UNESP; CONPED, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3 ed. 5 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.